

“A história em cacos”:
A cultura material Jê pré-colonial – um estudo de caso

“The history in pieces:”
Pre-colonial Jê material culture - A case study

volume 14 número 27 jun/dez 2020



Natália Gomes Turchetti¹

narqbq@gmail.com

Cultura Material:
objetos, imagens e representações - 1/2

Resumo

A cultura material expressa a relação do indivíduo com sua própria realidade social e cultural. Os objetos são produtos inerentes à condição social e revelam aspectos da história de quem os produziu, possibilitando o redimensionamento do trabalho historiográfico. Assim, o desenvolvimento dessa pesquisa objetivou discutir história indígena a partir dos remanescentes de cultura material, utilizando a interdisciplinaridade como arcabouço teórico-metodológico. Para tanto, por meio de uma abordagem etno-histórica, associamos o estudo dos vestígios materiais resgatados no sítio arqueológico Mato Seco, em São Gonçalo do Abaeté, à referência bibliográfica e análises laboratoriais. Dessa forma, formulamos uma história contada por vestígios cerâmicos da cultura Jê, verticalizando para o entendimento de parte do processo ocupacional em território mineiro. Foi possível, portanto, evocar a memória de sociedades indígenas e compreender o processo de releituras culturais que permearam a constituição identitária brasileira. Desse modo, esse trabalho, a partir de um estudo de caso e da diversificação das fontes, constitui uma etno-história mineira e tenta dar voz àqueles calados por conjunturas omissivas.

Palavras-chave: Etno-história; Interdisciplinaridade; Cultura Material; Identidade.

Abstract

Material culture expresses the relationship between an individual and their social reality. The objects are inherent products of their social condition and reveal aspects of those who have produced them, which make possible the ability to reassess the dimensions of historiographic work. Therefore, the development of this research set as an objective the discussion of indigenous history based on remaining cultural material, utilizing an interdisciplinary approach as a theoretical-methodological framework. Based on an ethnohistorical approach, we have correlated the study of trace elements from retrieved materials at the Mato Seco archeological site in São Gonçalo do Abaeté to the archive of bibliographic references and laboratory analyses. Thus, we have elaborated on the history told by traces of ceramic from the Jê culture, emphasizing an understanding of part of the process of territorial occupation within territory that comprises the state of Minas Gerais. It became possible to evoke the memories of indigenous societies and understand the process of cultural reinterpretation that permeates the Brazilian identity. Therefore, this research, by means of a case study on the diversification of source material, constitutes an ethnohistorical view of Minas Gerais, and attempts to give voice to those who have been silenced by omissive conjectures.

Keywords: Ethnohistory; Interdisciplinarity; Material culture; Identity.

¹ Mestra em História pela Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei-MG. Professora de Educação Básica da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. E-mail: naraqba@gmail.com.

Introdução

Por onde o ser humano passa, deixa vestígios de história; todavia, nem sempre estes se apresentam escritos. Aparecem de diversas formas e, por isso, ao serem objetos de estudo, exigem que o pesquisador adote diversas metodologias. Esses “lugares de memórias”, “sítios arqueológicos”, são resultantes de dinâmicas sociais e da interação humana com o meio ambiente, passando por ressignificações para a própria sociedade da mesma forma que passam por releituras aos olhos do pesquisador.

A fim de tratar dessa história que não é contada nos livros, utilizamos a interdisciplinaridade preconizada pelo diálogo entre a História e Arqueologia. Com uma abordagem etno-histórica, buscamos delinear parte da trajetória indígena, em território mineiro, a partir de remanescentes materiais encontrados no Sítio Mato Seco, localizado em São Gonçalo do Abaeté, Minas Gerais. Foram resgatados fragmentos cerâmicos e instrumentos feitos a partir de pedras, portanto, vestígios que comprovam a ação antrópica anterior à presença europeia em terras tropicais.

Formulamos uma história nativa, a partir de deduções, amparada em fontes diversas, sobretudo fragmentos de cultura material. Objetivamos contextualizar, historicamente, um grupo ameríndio por meio dos remanescentes materiais resultantes de uma realidade social que nos escapa. Porém, tais vestígios são suficientes para indicar

opções tecnológicas que, por essa condição, refletem práticas, releituras e apropriações culturais socialmente compartilhadas.

Partimos da perspectiva de que a materialidade estaria muito mais presente na sociedade como algo visceral, intrínseco à existência. Dessa forma, analisar os possíveis procedimentos técnicos não bastava. Era preciso sair das amarras das classificações e pensar em contextos sociais, ou seja, em pessoas que interagiam constantemente e reelaboravam sua cultura e identidade. Assim, construímos uma etno-história cujo eixo fosse a cultura material.

A cultura material como fonte

O instrumento primeiro do historiador é a fonte. Essa palavra nos remete a uma estrutura de onde jorra água ou então a algo de onde podemos tirar alguma coisa. De fato, na História não é diferente. O historiador busca as respostas para suas inquietações nessas fontes, que até no início do século XX se restringiam a documentos escritos. Sob a perspectiva dos *Annales*, a noção foi ampliada abarcando, além dos documentos, iconografias, objetos, fotografias, relatos, estruturas arquitetônicas e vestígios arqueológicos, dentre outras centenas. Dessa forma, a comunicação entre áreas científicas diferentes tem se revelado profícua, a partir

do compartilhamento de referências teórico-metodológicas, já que os objetos de estudo foram diversificados em razão da amplitude das indagações referentes ao universo humano.

O trabalho historiográfico dissociou-se da exclusividade conferida à análise de fontes escritas e, por isso, a interdisciplinaridade tornou-se uma alternativa cada vez mais adotada. A cultura material produzida por um determinado grupo, como expressão cristalizada da cultura, é objeto de interesse de antropólogos, historiadores e arqueólogos. A partir dela, pretendemos compreender, mesmo que dedutivamente, aspectos da dinâmica cultural de uma sociedade, suas opções diante do meio, o simbolismo presente e as opções de comunicação entre os indivíduos.

Podemos considerar como vestígios arqueológicos os remanescentes da vida indígena pré-cabralina. Todavia, ainda existem manifestações e saberes que foram passados de geração em geração e, afirmamos que, parte do que se propaga enquanto saberes nativos ventila influências culturais de um passado remoto. Dentre esses vestígios, elencamos fragmentos cerâmicos, haja vista, serem potenciais armazenadores de memória e elementos identitários.

A cerâmica, como um objeto socialmente elaborado, possui peculiaridades que favorecem a sua análise. A primeira delas é sua resistência, possibilitada pela manufatura; outra seria a capacidade de preservar os atributos que a tornam

“fonte legível”; e, por fim, sua existência um tanto quanto abreviada, visto ser uma técnica relativamente recente, desenvolvida pelos ameríndios em solo tropical. Assim, esses objetos em barro conservaram elementos resistentes ao tempo e às intervenções antrópicas e naturais posteriores, possibilitando a elaboração de uma história de longa duração.

Destarte, consideramos os objetos cerâmicos como estruturas ativas e inerentes aos sistemas socio-culturais, representantes de categorias sociais que podem, portanto, ajudar na reflexão acerca de histórias e, principalmente, sobre o passado. As pesquisas com esse tipo de fonte abarcam análises, comparações etnológicas, datações, estudos do ambiente que possibilitam inferir, tendo como fonte um conjunto arqueológico, por exemplo, os processos de deslocamentos desenvolvidos pelos indígenas, os contatos intertribais, rupturas e permanências, identidades criadas ao longo do tempo e a inserção de culturas diferentes, como a europeia. À vista disso, recorreremos aos vestígios cerâmicos como “guardadores de memória” de um grupo que deixou registrado, materialmente, fragmentos de sua trajetória enquanto sociedade.

Identidade, memória e cultura material são noções relacionadas pela sua dinamicidade e indissociabilidade dentro de uma determinada sociedade. Tudo aquilo que é produzido passa por várias leituras e releituras, partindo elas de seu idealizador, dos indivíduos que compar-

tilham sua execução e funcionalidade, e daqueles que a adotam como objeto de estudo. A partir da cerâmica, por exemplo, podemos evocar a memória da sociedade a qual pertenceu ou pertence, visto ser constituída por elementos significativos identificáveis na cadeia operatória, que denota peculiaridades culturais importantes para o reconhecimento entre os indivíduos e para aqueles que as observa. Nesse sentido, a cerâmica, sendo uma produção cultural, torna-se uma fonte, cuja utilização tem por finalidade deslindar parte da história daqueles que a produziu, visto que possui dimensões diferentes, como física, ecológica, funcional (utilitária e simbólica) e histórica (SILVA, 2002, p.120).

De acordo com Fabíola Andréa Silva, a tendência investigativa dos últimos anos tem sido direcionada ao estudo dos processos de produção da cultura material, em razão da importância conferida às “tecnologias” enquanto construções sociais inter-relacionadas com o conjunto de práticas e representações sociais. A autora explica, em termos gerais, que a “tecnologia pode ser entendida como o conjunto de artefatos, comportamentos e conhecimentos empregados pelo homem na transformação e utilização do mundo material” (SILVA, 2002, p.120). Portanto, quando falamos em cultura material, não nos referimos apenas ao produto final, mas a todo processo de manufatura e de uso. Todo ele é costurado tal qual uma teia, a partir das opções culturais, gestos, apropriações e as-

sociações entre significados, simbolismo e funcionalidade.

Utilizamos o conceito de cadeia operatória para entender o sistema tecnológico adotado por sociedades pretéritas. As etapas desse sistema se constituem a começar da associação entre conhecimento cultural, busca pela sobrevivência e os recursos naturais. A junção desses fatores se dá com base no conjunto de saberes que proporcionam ao grupo coerência e identidade. Desse modo, quando adotamos esse conceito como referência teórica, entendemos que a sobrevivência desses grupos está além da simples adaptação ao meio. Em verdade, buscamos compreender a dinâmica cultural que permeia o sistema de representações e associações dentro do grupo. Evidentemente, por mais que essas fontes enriqueçam o trabalho historiográfico e sejam fundamentais para o arqueológico, elas contêm apenas fragmentos da história da sociedade que as produziu. Logo, vestígios dessa natureza perderam parte da essência existencial ao longo do tempo, outra parte lhes foi tirada/escondida por sujeitos históricos de culturas diversas e outra parte foi mantida por gerações posteriores. Portanto, estamos lidando com produções culturais submetidas a análises ideologicamente direcionadas, orientadas por teorias constantemente reelaboradas. Assim, não é possível reconstruir, literalmente, histórias, identidades e memórias, no entanto, buscamos, mesmo sob a perspectiva dedutiva, compreender parte do processo histórico de um

grupo a partir de seus remanescentes materiais.

Destarte, afirmamos que a cultura material conta a história das sociedades porque pertence a elas como um corpo vivo integrante de uma rede de relações e identidades. Assim, é uma fonte, por excelência, capaz de evocar a memória e possibilitar o tecimento de comparações com outros que compartilhavam essas opções culturais. Posto isso, os sistemas tecnológicos não podem ser entendidos apenas como índices de adaptabilidade, mas, devido à dimensão social e simbólica que possuem, devem ser investigados como meio de expressão cultural (SILVA, 2002, p.227).

O material

Certamente, estamos diante de uma memória esfacelada, diluída pelos meandros históricos que determinaram o destino das sociedades indígenas. Não possuímos relatos ou quaisquer formas de narrativas que descrevem os tempos pré-contato, seja por autoria ameríndia, seja por autoria europeia. Baseamos nosso trabalho nos remanescentes de culturas perdidas, cristalizadas nos artefatos. Isso preconiza salientarmos a importância dos elementos presentes na cultura material, visto a própria estrutura e resistência dos objetos que extrapolam a contemporaneidade dos indivíduos que os fizeram e utilizaram, sendo submetidos a ressignificações

aos olhos do pesquisador. Posto isso, os vestígios assumem a condição de objetos investidos de memória e identidade e então refletem elementos significativos para a vida da sociedade e para a história. Desse modo, a análise do material, arrimada pela metodologia etno-histórica, possibilita a evocação de uma memória ligada a outros grupos que mantiveram alguns traços culturais, como os grupos indígenas do tronco linguístico Macro-Jê.

Na década de 60, os precursores dos estudos com cerâmicas, integrantes do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRO-NAPA), elaboraram um sistema que mapeasse as diferentes técnicas identificadas nos remanescentes arqueológicos que estavam sendo encontrados nas regiões brasileiras. Assim, surgiram padrões de referência e taxonomias que seriam utilizados nas pesquisas com cerâmica a fim de viabilizar trabalhos complexos e com inúmeras variantes. Nesse contexto, foram definidas as “tradições”, que entendemos como a frequência com que a técnica e elementos decorativos aparecem em conjuntos de artefatos arqueológicos, ou seja, “grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal. Exemplos: Tradição Tupi-Guarani, Tradição Taquara, Tradição Vieira, Tradição Neobrasileira (RIBEIRO, 1977, p.58).

Muito embora as pesquisas atuais tentem desvencilhar-se dessas padronizações, orientando-se pela perspectiva decolonizadora, optamos por utilizá-las em caráter referencial. Dessa forma, buscamos

encontrar opções culturais no contexto arqueológico estudado, observando desde os elementos *in situ* até os laboratoriais. Encontramos elementos que podem estar associados à Tradição Aratu-Sapucai e que são muito semelhantes às opções culturais adotadas pelos indígenas Jê.

Os grupos indígenas considerados representantes dessa tradição, em geral, preferiam habitações a céu aberto, descritas por André Prous como aldeias circulares, comparadas às aldeias dos atuais indígenas do tronco Macro-Jê, que ocupam o cerrado brasileiro e existem até, aproximadamente, o século XVII da nossa Era (PROUS, 2006, p.66). No que tange à produção cultural, o conjunto de técnicas Aratu-Sapucai possui peculiaridades que o caracterizam e identificam. Em geral, a técnica de manufatura utilizada é o roletado, os aspectos decorativos são menos elaborados, os níveis de queima são reduzidos e podem sinalizar marcas de uso. É comum, numa coleção dessa natureza, encontrarmos fragmentos espessos e grandes vasilhas e/ou urnas, ovoides ou piriformes, com múltiplas funções, utilizadas para o armazenamento de grãos e até sepultamentos.

O material analisado foi exumado do Sítio Mato Seco que integra um complexo de 14 sítios arqueológicos localizados na região do Médio São Francisco, na microbacia do rio Abaeté, em São Gonçalo do Abaeté, mesorregião do noroeste mineiro. É um sítio colinear, está em média vertente com coordena-

nadas 7.995.413/448.655. Apresenta vestígios lito-cerâmicos e topografia suave com declive moderado para o sul.

Imagem 1 – Imagem de Satélite: Localização do Sítio Mato Seco



Autor: Milla Barbosa Pereira

Após a análise dos assentamentos e dos remanescentes materiais, concluiu-se que, provavelmente, a partir das datações, são resultantes de ocupações que aconteceram entre os séculos XI e XV da nossa Era, e, de acordo com a disposição, estão a céu aberto, situados em declividade suave, resultantes do mesmo processo cronológico e cultural e, possivelmente, são contemporâneos.

A distribuição dos sítios permite aduzir que a ocupação da região, onde foram identificados, foi parte de um processo cultural e intencional a julgar pela apropriação do próprio espaço em virtude do aproveitamento dos recursos disponíveis. Sendo assim, a paisagem resultou de processos de transformação, mediados pelo homem, onde se buscou atender às demandas da dinâmica e contexto sociais.

O universo artefactual é composto por 835 fragmentos cerâmi-

cos, 13 artefatos líticos, 12 pacotes com material residual e dois pacotes contendo amostras de carvão. Dentre os fragmentos cerâmicos, foram identificadas 791 paredes, 42 bordas e duas bases. A queima é predominantemente reduzida, ou seja, grande parte dos fragmentos apresenta coloração enegrecida. Todo o material cerâmico é proveniente da técnica de manufatura roletada, que se baseia na sobreposição de roletes de argila.

Os potes receberam tratamento de superfície, que consiste em alisamento. Porém, muitos fragmentos, devido à exposição a processos naturais, apresentaram aspecto erodido. No entanto, vale ressaltar a qualidade desse alisamento, que pode ser boa ou ruim. O engobo foi identificado em cerca de 15% dos fragmentos, verificando-se a sua aplicação, independentemente do tamanho do pote.

Imagem 2 – Fragmentos cerâmicos: Sítio Mato Seco



Autor: Natália Gomes Turchetti

Diante dos dados, percebemos que grande parte dos potes possui dimensões medianas a grandes, enquanto o restante apresenta dimensões pequenas. Assim, durante o período pós-deposicional, os fragmentos passaram por várias interferências externas, o que explica fenômenos tanto na superfície interna quanto na externa. Muitos deles apresentam aspecto erodido; em alguns, foi possível identificar a presença de raízes e fissuras.

O que mais nos chamou a atenção foi a ocorrência de marcas semelhantes a incisões ponteadas. Esse fato suscitou algumas questões que nos deixaram inquietos diante da possibilidade da presença de uma forma de decoração incomum num conjunto de técnicas Aratu-Sapucai: estavam presentes em pouquíssimos fragmentos, foram identificadas na face interna e externa de alguns fragmentos e nos pontos onde houve quebra, ou seja, no “miolo” da massa. Diante dessas questões, sobretudo da mínima incidência, levantamos uma outra hipótese no que tange a essas marcas: talvez não resultaram de ações

antrópicas, mas de ações causadas por fenômenos da natureza devido às condições nas quais se encontravam *in situ*.

Imagem 3 – Fragmentos cerâmicos: Sítio Mato Seco



Autor: Natália Gomes Turchetti

As datações foram obtidas a partir das urnas funerárias. No total, foram exumadas cinco urnas, dentre as quais duas foram datadas: uma a partir do carvão interno indicando uma cronologia de 940 +/- 25 anos a.p. e a outra, pelo método da Termoluminescência, indicando outra datação de 550 +/- 50 anos a.p. Essas estruturas fazem parte do conjunto, mas não foram estudadas, haja vista a condição na qual se encontravam no laboratório: precisariam ainda ser “escavadas”.

Algumas evidências permitem-nos associar essa cultura material à Tradição Aratu-Sapucai, uma vez que foram encontradas urnas com grandes dimensões nos formatos piriformes e globulares. Outros aspectos considerados marcadores desse conjunto de técnicas são a ausência de decoração e o alisamento notado nos fragmentos analisados. Outra ocorrência que chamou nossa atenção foi a presença de um sepultamento secundário envolto por placas de cerâmica associado a um tembetá e a um quartzó hialino. (FAGUNDES et al., 2015, p. 36).

O material estava muito fragmentado por isso, não cogitamos a possibilidade de remontar objetos. Além disso, queríamos encontrar, nos próprios fragmentos, elementos que demarcassem opções culturais, continuidades técnicas e traços que sinalizassem as técnicas ceramistas Jê.

Percebemos que o tipo de metodologia laboratorial esteve investido de subjetividade. Então, desenvolvemos uma ficha de atributos (tipologia) objetivando amenizar as intercorrências provenientes dessa condição. Desse modo, sabemos que os dados coletados e analisados não são inquestionáveis, apenas resultam de olhares e interpretações direcionadas à identificação de elementos técnicos e culturais que marcaram a tradição da produção material do grupo em questão.

Desenvolvemos uma ficha descritiva, a fim de sistematizar a coleta

dos dados. Os atributos presentes na ficha e que direcionaram a análise foram os seguintes:

- a) Número de Tombo;
- b) Tipo de artefato: se seria fragmento cerâmico ou lítico;
- c) Porção: refere-se à parte do vasilhame (borda, parede, base);
- d) Manufatura: técnica utilizada para confeccionar o material cerâmico;
- e) Presença ou ausência de grão de quartzo;
- f) Tamanho do grão de quartzo;
- g) Teor de queima: se é reduzido ou oxidado;
- h) Morfologia do lábio e morfologia da borda: caso encontrássemos borda;
- i) Dimensões;
- j) Espessura dos fragmentos;
- l) Tratamento de superfície: se o fragmento foi alisado, se recebeu algum efeito;
- m) Tipo de alisamento: muito bom, bom ou ruim.

A observação foi direcionada aos aspectos facilmente visíveis no conjunto cerâmico. Dessa forma, não utilizamos outros métodos mais específicos como a Difractometria de raios-X ou a Microscopia Eletrônica de Varredura usados na identificação dos elementos presentes na pasta. Reiteramos, portanto, nossa prioridade em observar componentes nos fragmentos que possibilitas-

sem sinalizar escolhas culturais e atributos que indicassem permanências tecnológicas presentes num conjunto de cultura material.

Esse material cerâmico, exumado no Sítio Mato Seco, nos permite deduzir que o processo tecnológico esteve imbricado numa rede de construção social. É possível perceber que, sobretudo quando comparamos com a cultura Jê, as etapas do processo e a apropriação dos recursos possuíam um significado diante da sociedade num movimento dialógico entre a tecnologia e o cultural. A observação e o conhecimento compartilhado foram fatores que influenciaram as escolhas consideradas adequadas para integrarem esse sistema. Nesse viés, compreendemos que a opção pela queima reduzida e pelo tipo de pasta e manufatura, por exemplo, foram escolhas que, provavelmente, deram certo e viabilizaram a produção ceramista, dentro das expectativas dos indivíduos, enquanto membros de uma sociedade, de forma que cada escolha que permeou o sistema tecnológico foi socialmente definida, determinando o resultado final.

Considerações finais

Entender o contexto histórico significa compreender as dimensões que envolvem a vivência humana em meio social. Elas não estão restritas ao presente, pelo contrário, extrapolam ao tempo na me-

didada em que estão cristalizadas em diferentes formatos como nas fontes históricas. Não diferente, o contexto arqueológico também apresenta esta característica de poder ser “lido”. Contudo, essa condição só se realiza quando o pesquisador deseja entender essas conjunturas. Por isso, os registros mudam de sentido de acordo com o contexto e com os olhares interpretativos.

Dessa forma, buscamos dialogar com remanescentes de cultura material e o bojo cultural no qual estiveram inseridos, não o objeto em si, mas consideramos os significados inerentes à sua existência na sociedade. Percebemos que as tecnologias empregadas pelos ameríndios estavam imbuídas de apropriações e representações, sobretudo a cerâmica, já que, a partir de intervenções, é capaz de revelar elementos presentes na vida daqueles indivíduos.

Mesmo com o empreendimento destrutivo europeu, muitos elementos das culturas indígenas resistiram e permaneceram no processo de construção identitário da sociedade brasileira. Os vestígios materiais simbolizam formas de resistências, pois carregam em suas características a essência identitária daqueles que os produziram com funções e sentidos diversos.

É essa essência que buscamos a partir da análise do contexto do Sítio Mato Seco. Concluímos que os indígenas que produziram aqueles objetos desenvolveram técnicas consonantes com os recursos oferecidos pela natureza e aproveitaram, de forma

protagonista, as situações e condições oferecidas. O fazer esteve além da simples transformação da matéria, partiu das relações sociais e adquiriu dimensão simbólica, utilitária e cosmológica. Por conseguinte, todo o processo de construção e a utilização dos objetos pelo grupo estiveram impregnados de intencionalidades. Nele, desenvolveram formas de se expressar, de se comunicar e de se identificar. Percebemos que o processo de confecção da cerâmica, quando comparado com outros aplicados por grupos Jê, é indissociável dessa sociedade, haja vista pertencer à dinâmica social. Prova disso é a organicidade que a cerâmica recebe diante dos olhos dos indivíduos. Eles consideram tal processo parte integrante da vivência e imprimem nele escolhas, gestos, preferências, símbolos, ou seja, elementos reconhecidos e significantes para todos no grupo, suficientemente marcantes para identificá-los diante de outros.

Podemos imaginar que o local onde se encontra o Sítio Mato Seco era um local propício para o assentamento de grupos indígenas, sobretudo para os Jê, haja vista a abundância de água e matéria-prima para suprir as necessidades materiais, além das peculiaridades do Cerrado, como árvores de pequeno e médio porte e oferta de alimentos. A opção por assentamentos a céu aberto, instalados em declividades suaves, permite-nos deduzir que o complexo que se formou, ao longo do tempo, de estruturas ocupacionais, propiciou a tessitura de teias de contato caracterizadas por

repertórios culturais e cronologias semelhantes, criando assim, uma conjuntura social simbiótica.

Nesse sentido, a partir do contexto arqueológico analisado, podemos pensar na relação existente entre as opções culturais identificadas no conjunto cerâmico e aquelas utilizadas pelos grupos falantes da língua Jê. Observamos a forma de assentamento e as técnicas utilizadas na manufatura dos vasilhames como a utilização de roletes, alisamento da superfície, utilização do engobo, grandes vasilhames piriformes e grande espessura, e pouca decoração. Essas pontuações são elementos generalizantes, enquanto as “bolinhas”, quando consideradas decorações, são particularidades, portadoras de algum significado/simbolismo para o grupo, ou até mesmo possuíam um valor utilitário. Outro elemento seria a queima reductora, que como já dito, está presente em grande parte do material indicando, portanto, uma predileção por essa técnica, e não um resultado indesejado da queima.

Posto isso, pressupomos que a cultura material possibilita a evocação da memória de um grupo, pois viabiliza comparações e análises a partir dos elementos identificados, constituintes de um sítio arqueológico, já que são remanescentes de uma dinamicidade cultural e organização social. Assim, podemos chegar a conclusões concernentes à nossa história mais remota e às heranças deixadas por esses grupos indígenas.

Pensamos, por exemplo, no sentido inerente ao posicionamento

das casas nas aldeias Jê, que possibilita um diálogo constante entre as moradas e, conseqüentemente, entre as pessoas afirmando a condição de cada uma no espaço social. Nesse meio, os objetos têm seu significado enquanto membro. A cerâmica seria considerada uma extensão da oleira e uma peça fundamental para compreender os aspectos cosmológicos desses indígenas. Dessa maneira, os elementos culturais estão imbricados ao centro da aldeia, onde dialogam os hábitos do grupo e o espaço. Outro aspecto marcante da cultura Jê é a interpretação do meio a partir da visão dualista da sociedade notada na divisão entre o centro da aldeia, lugar das manifestações e construções culturais, e os outros seres que ficam à margem.

A aldeia Jê é vista pelos componentes como um corpo no qual seus membros se complementam e se comunicam constantemente com a concepção de que, se algo acontecer com alguém, conseqüentemente, o outro receberá uma reação. Essa forma de extensão não ocorre apenas entre os seres humanos, mas entre eles e os corpos cerâmicos. Os potes cerâmicos possuem significados que vão desde a escolha da argila até sua utilização. Sendo assim, ganham vida no meio social, já que recebem “ombro”, “boca”, saliva e, assim, vida, escapando, portanto, da restrita funcionalidade. Entendemos, pois, a importância do ritual que envolve a produção ceramista, visto que, se algo der errado nesse processo, pressupõe-se que o produto

final será prejudicado, assim como a comunidade.

A cultura material, quando inserida num contexto, extrapola o sentido de simples remanescente arqueológico e contribui para o desenvolvimento de uma história de longa duração, haja vista o olhar voltado para um aspecto tão específico que nos dá a impressão de que a história para. Logo, é possível compreender, mesmo que dedutivamente, as relações entre os indivíduos, o meio e a transformação da matéria, que possibilitam releituras do meio social marcado pelas continuidades e rupturas, então, constituindo várias temporalidades.

A partir dos remanescentes cerâmicos, identificamos algumas características marcantes como a técnica de manufatura, a ausência de decoração e a presença de urnas piriformes e globulares. Não podemos deduzir o motivo pela predileção por esse conjunto de técnicas, mas podemos afirmar que é um elemento identitário, visto que a opção por ele marca e identifica o grupo. Ademais, são técnicas compartilhadas pelas oleiras e estão imbuídas de significados que imprimem ao contexto cultural uma lógica social.

No entanto, por mais que identifiquem esse grupo e que possamos enquadrá-lo numa classificação, há ponderações referentes à formulação dessas designações como, por exemplo, designações diversas atinentes a manifestações culturais semelhantes e o aparecimento das mesmas características culturais em outras “tradições”, que nos deixam sempre atentos às variações

conceituais e teóricas elaboradas quando aparecem novas pesquisas e com a releitura das que já existem. Exemplo dessas variações está representado no trabalho de Rodrigues (RODRIGUES, 2011, p. 135), cuja evidência se dá na utilização do cauixi (espículas esponjosas encontradas em água doce) nas bolas de argila utilizadas como tempero, o que seria uma novidade para esse conjunto de técnicas, representando, portanto, uma variação regional e desmistificando a rigidez classificatória.

Outro fator relevante para nossa pesquisa foi a identificação das incisões circulares. As “bolinhas” encontradas, quando consideradas decorações, suscitam outra peculiaridade da coleção. A simetria e a posição estratégica dessas “bolinhas” nos fragmentos permitem-nos interpretá-las como resultantes de ações antrópicas intencionais, sendo assim, um fator exclusivo, identitário, que caracteriza o grupo em questão e desvencilha-se dos padrões que determinam a Tradição Aratu-Sapucaí. Ainda que pesem muitas considerações referentes a trabalhos com sociedades pretéritas, reforçamos, mediante as análises dos atributos culturais impressos nos fragmentos, a analogia feita entre os vestígios e a cultura Jê arrimados, sobretudo nas semelhanças.

Muito embora não tenhamos encontrado elementos decorativos evidentes na coleção, percebemos opções muito pontuais como o alisamento da superfície, o roletado, a aplicação do engobo e, provavelmente, as “bolinhas”. Logo, é pos-

sível desconstruir a oposição entre função e decoração. A utilização de uma não quer dizer a anulação de outra, uma vez que a concepção de construção material corresponde à percepção e à apropriação do universo cultural associado à utilidade e à construção das relações sociais. Mesmo com a dificuldade em reconstruir os potes, podemos afirmar que a técnica utilizada para a confecção do repertório material foi constituída por etapas culturalmente definidas. A escolha da matéria-prima, a adição de bolas de argila e cacos moídos, a predileção por potes sem decoração e com grandes dimensões, e a utilização da queima reduzida são opções imbricadas de significado para o grupo tanto para o universo material e funcional quanto para o simbólico.

Por se tratar de um contexto material ameríndio proveniente de uma sociedade pretérita, essas relações que construímos baseiam-se em elaborações dedutivas. Portanto, é impossível reelaborar o significado da cerâmica, como os indivíduos o adotaram, enquanto elemento coesivo. Muito embora saibamos, a partir dos costumes de outras sociedades ameríndias, que a cerâmica está relacionada ao significado feminino, à organicidade corporal e que, em muitas culturas, representa um elo de continuidade entre a oleira e sua realidade, não podemos voltar no tempo, de forma literal, e apreender o que aqueles objetos significaram para essa sociedade. Dessa maneira, aduzimos que a cerâmica possuía um signifi-

cado social, condição que permitia a extrapolação do que entendemos como simples materialidade. E não é apenas a materialidade que ligava esses grupos e, portanto, demonstrava as opções semelhantes, mas a condição de humanidade. Essa condição, por sua vez, possibilitou a conexão entre essas sociedades e sociedades recentes, e não apenas a aparente materialidade estática do sítio arqueológico.

Referências Bibliográficas

FAGUNDES, Marcelo et al. **Conjuntos líticos de horticultores ceramistas associados à Tradição Aratu-Sapucai: Estudo de caso dos sítios Mato Seco e Canoas, Médio Vale do São Francisco, Minas Gerais.** *Revista Tarairiú*, Campina Grande – PB, Ano VI, v. 1, n. 9, fev. 2015.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p.66. Disponível em: <<https://lelivros.pro/book/download-o-brasil-antes-dos-brasileiros-andre-prous-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso em: 14 jun. 2020.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **Manual de introdução à Arqueologia.** Porto Alegre: Sulina, 1977.

RODRIGUES, Igor Morais M. **Fora das grandes aldeias: a ocupação do recém-dito sítio arqueológico Vereda III.** 318 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Estado de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8VGKHP>> Acesso em: ago. 2020.

SILVA, Fabíola Andreia. **As tecnologias e seus significados.** *Revista Canindé*, Xingó, n. 2, dez. 2002.

TURCHETTI, Natália G. **“A história em cacos”: A cultura material Jê pré-colonial - Sítio Lito-cerâmico Mato Seco, São Gonçalo do Abaeté, Minas Gerais.** 134 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João Del Rei. DECIS. Disponível em https://ufsj.edu.br/portal2_repositorio/File/pghis/DissertacaoNataliaTurchetti.pdf.

Recebido em: 30/set/2020

Aceito em: 4/nov/2020